



A Associação dos Artigos de Arte e Artesanato de Guimarães
A Comissão de 5/12/63

Festas Nicolinas

Pregão de S. Nicolau

Recitado em 5 de Dezembro de 1963 pelo Estudante do 7.º Ano do Liceu de Guimarães

António Luis Caldas de Antas de Barros

Um ano mais passou e um novo pregoeiro
Vai-vos dizer em verso agora um novo Bando,
Ninguém se mexa aí! silêncio, cavalheiro,
Sob pena de prisão devido a contrabandos!

Nas calhas da tristeza a mocidade entrou,
A mocidade de hoje a que ninguém ousou
Tirar pelo caminho uma alegria sã
E a tristeza fugiu espavorida já!...

A vida é no princípio! Em vagalhões de luz
A manhã veio logo após a madrugada.
A vida é uma ideia forte que soduz
Lembrando vinho rubro em taça cinzelada!...

Ó FESTAS NICOLINAS, festas do passado!
Que vós sois do presente está-lo a demonstrar
O som dos instrumentos seco e compassado
Num barulho infernal e que abala o próprio ar!
Que vós sois do futuro está nossa esperança
Nos novos de amanhã, na pálida criança
Que mal ainda sorri, dizendo-nos que sim,
Não deixando-as morrer ainda os que virão
As FESTAS NICOLINAS já mais terão fim.
As FESTAS NICOLINAS nunca acabarão!

Evoco agora aqui os velhos nicolinos
Que a morte já levou com rumo à Eternidade
E vivem no Além ainda os seus destinos
De santos e poetas... Velhos da saudade!
Vós não estais ausentes que bem vos sentimos
Por entre a multidão extática e parada
O vosso espírito é lá do Alto, lá dos Cimos
Contudo veio à FESTA por vós tão bem amada!

Bráulio Caldas ali está com a sua lira
E mais Gaspar Roriz co'o todo iluminado!
E o erudito Meira que Palas admira...
Oh! meus senhores! Não estou alucinado
Sampaio está conosco, o nosso bom Sampaio,
O grande sonhador, olhai p'ra ele, olhai-o!
Até Leão Martins não quis também faltar
E o saudoso Delfim... o vate do luar.
Ó velhos do além, que estranha sensação
Ver-vos dar ainda vida à velha tradição!...

A ronda é de beleza e de beleza astral
Estrelas deste Céu, ó damas que me ouvís,
Deixai que até vós chegue um doce madrigal
Que antigos menestres tocaram a matiz:
«Ó belas castelãs, o amor já não demora
Batendo-vos à porta, depressa ide-a abrir
O «príncipe charmant» que em sonhos vos namora
Cavalga para vós na senda do porvira.

Senhoras! Amanhã será o grande dia
Em que ides receber o pomo de veludo
O gesto é de respeito e fina cortezia...
Estais, a ver, «Senhoras» como o gesto é tudo:
Nele nada se omite e tudo fica dito
O seu mutismo é de ouro, é de ouro e de infinito;
Eloquente nele irá ficar expresso.
Por vós o nosso amor, o nosso muito apreço
Tomai nas vossas mãos esguias de patricias
A dádiva de amor que encerra mil carícias!...
Em troca vos pedimos, mais não é preciso
Apenas um olhar, apenas um sorriso.

Modernas raparigas que por nós passais
Constantemente assim tão existencialistas
O vosso maior gosto, e só nisso pensais,
É chamar a atenção, apenas dar nas vistas.
Já deixastes por isso de usar bláton vermelho
Para usardes azul, ó suprema loucura!
Será que vós não tendes em casa um espelho
Para verdes que andais numa triste figura?
E as unhas pintais também da mesma cor
Leoad de uma moda que cega e escraviza
E já fumais cigarros com aquele impudor
De uma lady qualquer nas margens do Tamisa.

Nas vossas cabecinhas senso não existe...
Acaso sabeis vós como se dança o twist?
Oh! Não, não o sabeis que a gente o adivinha
E p'ra frente e p'ra trás, mas sem perder a linha.

E vós Circes do corte, vós costureirinhas
Românticas pequenas de olhar magoado
Deixai por um momento as tesouras e as linhas
E vinde descansar um pouco ao nosso lado.

Num banco de jardim, entre folhas caídas
Estaremos talvez... talvez mais à vontade
Ali vereis passar as horas esquecidas,
Que a vida não é sonho, mas sim realidade.

Nós temos um se'cedo lindo p'ra vos dar
Vinde pois costureiras, não seiais esquivas
No nosso coração teréis sempre um lugar
Fazei-nos a vontade... sede compreensivas.

Quem disse que o Pinheiro ali ficava mal?
Quem foi que proferiu tamanha aleivosia?
Foi no Campo da Feira sempre o seu local...
Pois é ali que o quer a Velha Academia,
E ela, subam-no todos, ainda é soberana,
Não admira afronta à tradição antiga,
Má! não há-de estar ali uma semana
E senha lá dai quem o contrário diga.

Ao ilustre Reitor e Mestres do Liceu
A todos por igual a nossa saudação;
O estudante vos deve tudo o que aprendeu,
A vossa competência e muita compreensão.

Insignes pedagogos, fontes de saber
Pelas quais a luz jorra em magistral lição
Ensina sempre mais, fazei os cegos ver
Que só pela cultura é grande uma nação!

In memoriam dum PAPA extraordinário
Duas palavras eu quero hoje dizer
De Alguém que na Terra de Cristo foi Vigário
E que pregar a Paz, foi todo o seu prazer

Sofreu a Humanidade irreparável dano
Alguém que muito a amou e tanto bem lhe fez
Morreu ainda há pouco lá no Vaticano
Abençoando o Mundo pela última vez.

«Pacem in Terris», disse um dia ELE,
E o mundo ouviu da paz o mais belo apanágio;
Sua voz era leve qual brisa que impele
Os barcos sobre o mar livrando-os do naufrágio.

JOÃO XXIII, o Papa Universal,
O Papa do Concílio era todo bondade
Por isso o mundo lembra hoje e no geral
Com simpatia imensa e a mais funda saudade.

Mas deu-nos Deus a sorte de outro ser eleito
Que vai continuar a OBRA começada,
É Ele Paulo VI que tanto há já feito
No rumo da mais nobre e fraternal CRUZADA.

Um grande pé de vento deu a volta ao mundo
E pô-lo, vejam lá, apenas num segundo
Num caos indiscriminável e espectacular;
Primeiro foi Flora que se fez notar,
Depois um tal Ginny... e aos tufoes naturais
Juntaram-se os políticos, o que é pior
E o vento começou e já não parou mais:
Redemoinha, investe, lança-se ao redor
E chega a toda a parte: Equador, Honduras...
Guerra às Democracias, guerra às Ditaduras!
Ainda entre a China e a Rússia o pé de vento é tal
Que ouvem-se as comadres berrando ao temporal;
Mesmo a Inglaterra precisa de um arrumo
Desde que foi aquilo do caso Profumo
E que na origem teve esse tufão Cristina
(A tal dos banhos sem biquíni na piscina);
Muitas vezes o vento sopra de tabela...
Como naquele rapto da Venezuela...
Lá no Saará Francês então ouve aparato:
O vento de deserto pôs no ar um gato:
Youlu Fulbert, coitado, lá se apagou em Braza...
E o vento já entrou na nossa própria casa.

Os preços tabelados sobem na tabela
E mesmo os que não são lá seguem-lhe no encaixe
A vida está difícil, cara que se pela...
E o pobre ZÉ, coitado, está mesmo descalço.

O bacalhau fez greve lá na Terra Nova,
Só há nacional e esse é com reserva;
A sardinha então já nem sequer a prova
Porque essa, estão a ver, é boa p'ra conserva.

A rica batatinha às vezes também falta...
E o próprio pão de trigo agora é bem mais leve...
Na praça a hortaliça também teve uma alta
E o ZÉ está mais magro porque o ZÉ... só bebe.

Está mais magro, está, vêm-se-lhas costelas
Numa situação igual à das mais falsas
E anda esgotado, mal tem-se nas canelas
— Aperta o cinto, ó ZÉ, não vão cair-te as calças!

Um novo e nobre vulto sobe ao tabelado
Da cena camarária pela segunda vez
E logo um optimismo forte e bem fundado
Relembra quanto à terra outrora ELE já fez.

Benvindo seja quem assim faz seu regresso
E traz credenciais do mais real valor
E vai continuar a fase de progresso
Da terra em que nasceu o REI CONQUISTADOR.

Sua obra está patente e já é bem visível
Ora isto, vejam lá, ainda no princípio!
Fazendo muito a tempo o que parecia incrível
Mostrou como se gere logo um município.

Mostrou-o promovendo mais um festival
Daquelles conhecidos por Gilvencentinos
Trazendo até nós, trazendo a Portugal
Famoso pianista, artista dos mais finos.

Com um começo destes de elevado nível
Revela-se depressa e logo se divisa
Que vai usar p'ra tudo um processo infalível;
E se outrora meteu água... a água era precisa.

O BERÇO DA NAÇÃO não deixa de embalar
Sempre um anseio novo, uma nova esperança,
Ficou-lhe um gesto tal, deveras singular,
Dois tempos em que a Pátria era ainda uma criança.

O muito que se fez não é ainda nada
E GUIMARAES quer mais, de olhos no futuro
Quer ver na Penha em breve uma POUSSADA
Que o seu hotel é velho e serve sem apuro.

E quer também p'ra lá bons meios de transporte
Que à Penha já não falta mesmo gasolina;
Precisam ir ver todos no seu belo suporte
O busto ao inesquecível mestre Zé de Pina.

Cá em baixo quer ver, arranjado o seu parque
E ainda um edifício novo p'ra os Correios
Enfim quer ser ela uma cidade que marque
Em todos os aspectos, por todos os meios.

Ó velho matadouro, estigma do passado
Que estás tu a fazer há tanto tempo aí?!
Tu és tal e qual um castelo assombrado,
Pois que nos metes medo só de olhar p'ra ti.

Estátua a Gil Vicente, ó obra descejada
Por tantas gerações caídas ao redor!
Se é a primeira pedra acaso a mais pesada
Somos nós, estudantes, quem a irá lá por.

Dessa toca estação ao cimo da AVENIDA,
Indigna deste burgo e mais do seu lugar,
Ninguém pode prever dali sua saída
Porque a C. P. só quer, só pensa... a ferrolhar.

Um novo mercado aos Céus está pedindo a terra,
Que o velho mete dó, verdade incontestada,
Aqui nem mercado é... é antes uma guerra,
Ou então é mercado, mas... mercado persa.

Turista que é de ti?! Por onde tens andado?
Ah! Sim... por todo o mundo excepto por aqui;
Pois olha, só te digo, estás mal informado
Que a culpa não é tua, a culpa é do S. N. I.

Tu és como o ceguinho que sòmente vai
Para onde o encaminham... só depois vês tudo;
E GUIMARAES é bela, GUIMARAES atraí!
Oh! Vem turista, vem no teu passo mítido...!

Mas alto! Espera lá apenas um bocado
Enquanto o teu hotel vai ser construído
Nós queremos-te, por Deus aqui bem instalado
Com todo aquele asseio por ti tão merecido.

Ó quase campeão, da taça finalista!
Vitória! Que figura bonita você fez...!
E quanto à TAÇA, amigo, teime, não desista
Costuma-se a dizer: — Não há duas sem três.

Vitória! Mas então porquê essa tristeza?
O Estádio estará pronto dentro do tal prazo,
Querem relva? Não-de tê-la com toda a certeza
Pois que eu já vejo alguém que vai tratar do caso.

A coisa foi falada, a coisa fez sucesso;
Serviu algumas vezes 'té de mata-bicho...
A cidade revela em tudo o seu progresso;
Já nela deu entrada um camião de lixo

Mas, oh!... Sorte mesquinha! O lixo continua
Atapetando as ruas, ainda as mais modernas;
Almeidas duma figa! O que fazeis na rua?
Varréis só concerteza as portas das tabernas.

De novo vos vestiram com belos macacos,
Do mais bonito azul, porém todos iguais
Autênticos palhaços!... A uns ficam uns sacos,
A outros muito curtos... pequenos demais,
Talvez para levar algum espectador
Vítima de fatal e estranha comocção,
O carro funerário, sempre atento à dor,
Escolheu para poiso a porta do JORDÃO.

E é que mesmo não falha, nem pode falhar,
Aquilo é mais que certo e mais do que sabido,
Se acaso a gente aponta p'ra lá o nosso olhar
De longe logo o vemos, lá 'stá ele caído.

Quem vier de fora e der pela incongruência
De certo pensará e com certa razão
Que a cidade não passa de uma grande AGENCIA
E que somos uns mortos a pedir caixão.

Ó vós que bateis sola e moços que aos balões
Vendeis só pura lá e chita da ordinária,
Mantei-vos à distância e nada de ilusões
Que está ainda em vigor a LEI ESTATUTÁRIA.

Aqui não mete bico gente não letrada
Que a arte de zabumba requer preparação
E muito cuidadinho... Uma maquetada
As vezes é pior que um tiro de canhão.

A postos camaradas! Que está soando a hora
Da mais dura batalha entre caixas e bombos;
Cascai-lhes bem, com força, e sem qualquer demora
Fazei-lhes já ao centro dois enormes rombos.

Avante, pois, avante, exército de Palas!
Do mundo, ao fim e ao cabo, pouco ou nada reste
E que ele penso até que com as tuas balas
Sobre ele vai cair a Abóbada Celeste!

Dezembro de 1963

Autor: António Luis Caldas de Antas de Barros